

Conflitos étnicos e religiosos na contagem decrescente para o G20

Tensões duram há meses e **oposição atribui responsabilidade ao Governo**, que critica “jogos políticos”



Protesto contra a violência étnica em Nova Deli, no passado dia 5 de agosto. FOTO: RAJ K. RAJ/GETTY IMAGES

SALOMÉ FERNANDES

Entre a invasão da Ucrânia pela Rússia, as disparidades na inflação, encontros sobre transição energética e grupos de trabalho anticorrupção, os meses que antecedem a cimeira das 20 maiores economias do mundo na Índia também estão a ser marcados por tensões internas. Os confrontos étnicos e religiosos no país causaram dezenas de mortes e obrigaram o primeiro-ministro a enfrentar uma moção de censura.

Em redor de Nova Deli, cidade que acolhe a cimeira do G20 nos dias 9 e 10 de setembro, pelo menos cinco pessoas morreram em conflitos entre hindus e muçulmanos no final de julho. Segundo a agência Reuters, as tensões surgiram depois de uma procissão religiosa hindu ter passado pela região de Nuh, no estado de Haryana, que é maioritariamente muçulmana. A violência, que não é inédita, não ficou por aí. Alastrou-se a Gurugram, onde uma mesquita foi incendiada. Passada uma semana, continuavam a registar-se ataques, embora sem feridos: um túmulo muçulmano foi incendiado e várias lojas vandalizadas. Segundo o jornal “The Economic Times”, o Supremo Tribunal considerou “inaceitáveis” alegados apelos ao boicote económico e social da comunidade muçulmana.

A 3 de maio começaram confrontos étnicos graves entre as comunidades kuki (predominantemente cristã) e meitei (maioritariamente hindu) no estado de Manipur, no nordeste do país. Neste caso, o conflito tem raízes étnicas: os kukis opunham-se às exigências dos

meiteis de obterem estatuto especial que desse acesso a benefícios como o direito de cultivar em terras florestais e uma quota específica de empregos no Estado. Estima-se que mais de 180 pessoas tenham morrido e milhares estejam deslocadas desde então, indicam números da Reuters. Um dos últimos incidentes a ser atribuído à tensão étnica deu-se na semana passada, tendo “The Indian Express” noticiado que três guardas de uma vila kuki foram mortos.

O primeiro-ministro indiano quebrou o silêncio quando se tornou viral um vídeo que revelava agressões a duas mulheres obrigadas a desfilar nuas em Manipur. Narendra Modi reagiu dizendo que o incidente é

Estima-se que mais de 180 pessoas tenham morrido e milhares estejam deslocadas desde maio, quando eclodiram confrontos

“vergonhoso para qualquer sociedade civil” e que “o que aconteceu com as filhas de Manipur nunca pode ser perdoado”.

Rahul Gandhi, dirigente da oposição indiana que foi recentemente reintegrado no Parlamento depois de o Supremo Tribunal ter suspenso a sua condenação por difamação do primeiro-ministro, alegou no rede social X (anteriormente conhecida por Twitter) que o “silêncio e a inação” de Modi “levaram Manipur à anarquia”. Gandhi criticou as palavras do chefe de Governo, argumentando que a questão não é a vergo-

nhia que o incidente representa para o país, antes “a imensa dor e o trauma infligido às mulheres de Manipur”.

O primeiro-ministro derrotou a moção de censura e acusou a oposição de tentar “difamar” a Índia. Modi antecipou que em breve haveria paz em Manipur e apelou a que a região não fosse usada para “jogos políticos”.

A influência do BJP

O que levou à polarização da sociedade? O Bharatiya Janata Party (BJP, partido nacionalista hindu de Modi) tem sido apontado como um dos responsáveis pela situação. “O senhor Modi pertence a um partido e a uma organização que acreditam na maioria hindu há muito tempo. Acreditou na ideia de que a violência é intrínseca aos hindus, e essas preleções ideológicas estão a manifestar-se nestas áreas”, disse Sushant Singh, do think tank indiano Centre for Policy Research, em declarações ao Expresso.

Singh lembra que Modi não se pronunciou sobre Manipur durante 80 dias nem visitou a zona. “Quase 200 pessoas foram mortas em Manipur, 60 mil pessoas ficaram sem casa, mais de 350 igrejas foram queimadas e destruídas, mais de 200 vilas foram destruídas, cerca de 5 mil armas foram retiradas de arsenais da polícia”, enumera, acrescentando que o Governo do estado de Manipur é também do BJP.

“Não há mais ninguém que se possa responsabilizar, seja por falha administrativa, política ou humanitária. Trata-se de uma grande crise humanitária em que as crianças não podem ir às escolas, os hospitais não

conseguem funcionar, as pessoas não têm onde viver nem podem ir rezar em locais religiosos de culto. Em tal situação, o Governo não fazer nada a nível federal e estatal mostra, claramente, que Modi e o seu partido são os responsáveis primários pela situação aqui”, comentou o analista.

Por sua vez, o investigador Amit Singh, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, acusa o nacionalismo hindu de intolerância em relação à dissidência. “Tenta reprimir todos os casos de discordância usando violência. Quando o BJP assumiu o poder, começaram a atacar não só muçulmanos, mas todos os casos de dissidência, incluindo intelectuais e ativistas de direitos humanos, porque eram mais desafiantes”.

Um estudo do Pew Research Centre observou, em 2021, que quase dois terços dos hindus consideravam que ser hindu era “muito importante para se ser ‘verdadeiramente’ indiano”, e que o BJP era o partido que mais captava a atenção desta faixa. No entanto, eram também quem mais expressava opiniões positivas sobre a diversidade religiosa na Índia.

“Este resultado sugere que para muitos hindus não há contradição entre valorizar a diversidade religiosa (pelo menos em princípio) e sentir que os hindus são de alguma forma indianos mais autênticos do que cidadãos que professam outras religiões”, pode ler-se no estudo.

A visão de que há discriminação religiosa na Índia não é partilhada pelo chefe do Executivo. Em junho, Modi deu a entender que não são necessárias melhorias de direitos da

comunidade muçulmana ou de outras minorias. “A nossa Constituição, o nosso Governo e nós provámos que a democracia pode cumprir. Quando digo cumprir — casta, credo, religião, género, não há espaço para discriminação [no meu Governo]”, disse Modi, citado pela Reuters.

Críticas não afastam interesses económicos

Anteipa-se que a cimeira do G20 conte com personalidades como Joe Biden, Vladimir Putin e Xi Jinping. No entanto, Volodymyr Zelensky, que tem discursado em eventos internacionais desde que o seu país foi invadido pela Rússia, não foi convidado a participar.

O investigador Amit Singh não tem “expectativas de que as nações ocidentais condenem o que se passa na Índia”

Segundo a agência EFE, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Índia confirmou que a Ucrânia não estava na lista de países convidados, que incluiu nove, entre os quais os Emirados Árabes Unidos.

A comitiva de líderes das maiores economias internacionais acarreta mecanismos de segurança. Jornais locais relatam que as escolas foram aconselhadas a fechar.

Na ótica de Sushant Singh, estes incidentes nacionais, que ocorrem a pouco tempo da cimeira, podem prejudicar a imagem da Índia até certo ponto.

Observando que historicamente a Índia era vista como liberal e democrática quando comparada com os países vizinhos na Ásia, o analista descreve que “isto expõe o poder de influência, as credenciais democráticas e seculares da Índia de forma muito desfavorável” e “vai lançar uma sombra”.

Apesar disso, Sushant Singh reconhece que a projeção desta imagem não se traduz necessariamente numa mudança de comportamento, mencionando a importância estratégica do país na sua proximidade à China, o seu potencial económico e o mercado que pode representar para vários países. “Isto significa que a Índia ainda será tratada com grande respeito e de modo muito positivo pelos poderes ocidentais durante a cimeira do G20”.

É precisamente de economia que Amit Singh fala quando avalia o impacto dos conflitos na imagem da Índia. “Não tenho expectativas de que as nações ocidentais condenem o que se passa na Índia, porque se preocupam com os seus interesses comerciais”, comenta. O investigador social recorda que o Parlamento Europeu condenou a violência em Manipur, mas ainda assim Modi “realizou transações com França”. No dia seguinte à aprovação da resolução dos eurodeputados, a França e a Índia estabeleceram um acordo preliminar na área da Defesa. Apesar disso, não exclui que possa haver repercussões. “Se alguém quer investir na Índia, vai olhar para a estabilidade política e, dada a situação atual, o país caminha no sentido de um Estado hindu autoritário”.

sfernandes@expresso.impressa.pt